ENTRE
A FOLHAGEM
SANT' IAGO PREZADO.
JD

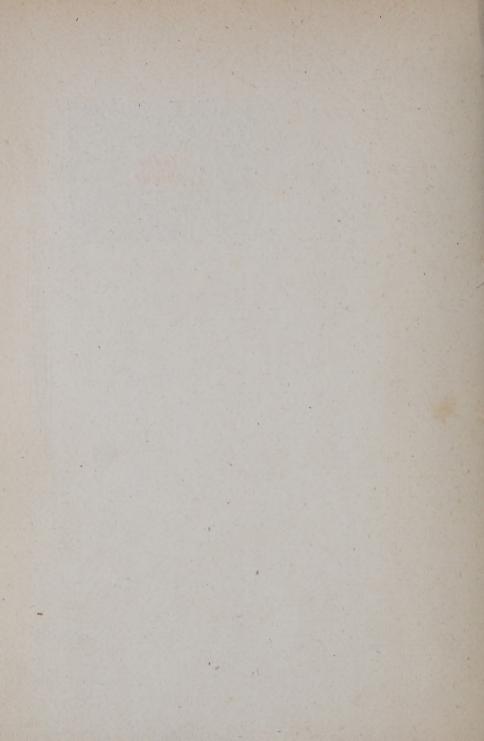
ENTRE A FOLHAGEM.

SANT'IAGO PREZADO.

1 9 2 4.

JUSTIFICAÇÃO
DA TIRAGEM

ſuum
cuique

I

Cântico do Sol

Cântico do Sol

Tornou-se de cristal o tôpo da montanha,
e o Sol, o pajem loiro,
aparece, a sorrir, no tôpo da montanha,
tôdo vestido d'oiro!

. . . .
. . . .

*

« Deus te salve, ó Sol brilhante,
que ao mundo vens dar mais luz! »

(*Da trad. popular*).

I

Sou feito de oiro, doirado;
encho a terra, o céu e o mar.
Nunca me sinto cançado
de aquecer e alumiar.

Sou eu quem desperta as aves
e que abre as flor's do jardim;
por isso as flôres e as aves,
todas suspiram por mim.

No pomar os frutos novos
sou eu que os amadurece,
e frutifico os renovos
que a Primavera florece.

Eu sou um zeloso amigo;
abro na terra um tesoiro...
— Olha êsses campos de trigo,
que eu transformei num mar d'oiro!

Dei a luz às manhãs claras
e dei o mel às abelhas,
e entre o verde das searas
abri papoilas vermelhas.

Á silveira do caminho
dei as amoras gostosas;
e fiz de um campo maninho
um lindo jardim de rosas.

Sôbre os alcantis adustos
desabrocho as violetas,
e scintilo entre os arbustos
nas asas das borboletas.

Canta, quando nasce o dia,
canta, quando morre o sol,
de manhã — a cotovia,
e de tarde — o rouxinol.

Pinto os poentes de luz
nas florestas e no mar.
As tintas que neles puz,
ninguem as sabe imitar.

Das nuvens faço em Outubro
castelos, guerras distantes,
tingindo-as com sangue rubro
de batalhas de gigantes.

Há chamas no entardecer
candentes como metais,
pondo manchas de oiro a arder
nas janelas dos casais.

E toda a terra, abrazada
no fogo desta explosão,
dorme depois sepultada
nas cinzas da escuridão.

E por entre a sombra densa
a Lua a Terra ilumina,
como candeia suspensa
do tecto de uma ruína!

II

Mas novamente amanhece;
e é tal a minha alegria,
tal e tanta, que parece
que nasço naquele dia!

Sinto a eterna mocidade,
que embriaga sem desdoiro,
com caudais de claridade
nas minhas artérias d'oiro!

Minha alegria é tão grande,
e é intensa de tal modo,
que se irradia e expande,
e é a alma do mundo todo!

Em claridade disperso,
minha luz fecunda e exulta...
Sou a alma do Universo,
toda a sua fôrça oculta!

Tenho o poder criador,
que em mim próprio se criou:
na planta fecundo a flôr
e ela os frutos germinou.

Toda a terra se reanima
quando eu a aqueço; e assim
tudo o que vive e germina,
germina e vive por mim.

E tu, que me vês brilhar,
nem talvez penses sequer,
que eu dei luz ao teu olhar
para que pudesses ver!

Puz a vista e a claridade
nos buracos dos teus olhos,
p'ra que vissem a Verdade
e fugisses dos escolhos.

Por isso o homem p'ra ver-me
estende o olhar p'los espaços,
já que não pode ter braços
para abraçar-me e prender-me.

Mal surjo no céu distante
estremece a terra toda,
como uma noiva radiante
no dia da sua boda!

As tenras flôres mimosas
abrem, logo que amanhece,
suas fôlhas melindrosas
à minha luz, que as aquece;

e as aves todas, em bando,
numa alegre revoada,
vão p'los campos chilreando,
das novas da madrugada!

III

Como um guerreiro partindo
para uma heroica cruzada,
com a alvorada fulgindo
na ponta da minha espada,

surjo, de pé, na montanha,
numa auréola de explendor,
com essa alegria estranha
de um guerreiro vencedor!

Com a minha cota fulgente,
minha espada de aço fino,
do Palácio do Oriente
vou cumprir o meu destino!

Após a guerra sangrenta
que travei co'a Noite escura
— uma noite de tormenta,
e uma guerra de loucura,

ao negro abismo de treva,
onde a Noite se ocultou,
a minha vitória leva
o resplendor, que a assombrou!

A Noite — é o Mal e a Mentira,
a Luz — a Verdade e o Amor;
e contra o Mal e a Mentira
fiquei sempre vencedor!

E dêsse cáos profundo
saíndo p'ra a claridade,
vou desvendar a Verdade,
espalhando a luz p'lo mundo!

Levo os arautos à frente,
minha marcha anunciando
— as aves todas, cantando
pelo céu resplandecente!

E como trofeu de glória
desfraldo numa colina
o farrapo de neblina,
que me ficou da vitória!

O amanhecer do primeiro dia no Paraíso Bíblico

O AMANHECER DO PRIMEIRO DIA NO PARAÍSO BÍBLICO

(EXCERTO)

DESMAIARAM no Espaço os astros d'oiro.
Uma outra luz mais forte amanheceu
naquele tenebroso sorvedoiro.

A própria Sirius empalideceu;
e o Sol, abrindo as portas do Levante,
saiu do abismo e iluminou o céu...

E iluminou a terra, e o mar distante...
E o céu, e a terra, e o mar, tudo palpita
na luz da aurora, clara e triunfante!

Parece que uma estranha, uma infinita
ânsia de amor e vida acorda agora
no coração da Terra, que se agita

entre os braços de luz da Nova Aurora,
que a prende pelos flancos e a arrebata,
como em triunfo, pelo Espaço fora!

Os rios torvos tornam-se de prata.
Nas águas, onde a lua dormiu antes,
de aljôfares um manto se desata;

e abrem-se nelas, rútilas, vibrantes,
gargalhadas de pedras preciosas,
de rubis, de esmeraldas, e diamantes!

A Vida nova e íntima das cousas
desperta e canta, pela terra inteira,
desde o mar às montanhas luminosas...

Desperta e canta! E pela vez primeira
paira, nimbada d'oiro e diamantina,
do céu azul na curva lisongeira

a anunciadora da Manhã Divina
— uma névoa tão suave, que parece
que se desfaz num tôpo de colina.

E através dela o monte resplandece;
e brilha o Sol, e brilha a Imensidade,
como se a própria luz dela nascesse!

Névoa de prata e oiro e claridade,
espírito de sonho, etério e brando,
que ao acordar sonhou a Eternidade!

Tão elevada se quedou pairando,
que nem as aves a saudar o dia
lhe roçam com as asas, gorgeando!

Encheu-se o Cáos de luz e de harmonia...
— Sol triunfal, Aurora esplendorosa,
e translúcida névoa que alumia!

No cálice da Noite tenebrosa
a Aleluia floriu... astro florindo,
estrela d'oiro na amplidão radiosa

as luminosas pétalas abrindo;
e no centro, como um brilhante a arder,
o Sol glorioso ardendo e refulgindo!...

. . . .

Manhã de Abril

Manhã de Abril

Nasce o Sol, começa o dia,
a bela aurora rompeu!

(Da trad. pop.)

A cotovia acordou
e cantou,
mal o dia amanhecia
e tudo em casa dormia.

E diz um lírio acordando,
ao ouvir a cotovia:
« Que lindo que nasce o dia,
e como nasce... cantando! »

O Melro cantador

O Melro cantador

Um melro, que o dia inteiro
tinha passado a trinar
na folhagem de um loureiro,
ao vêr à noite chegar
para o Sol dizia assim:
«Porque me deixas a mim,
que te amo como ninguem,
sem acabar de ensinar
os meus filhos a cantar
p'ra te cantarem tambêm?»

Alvorada!

ALVORADA!

O Sol é que alegra o dia
pela manhã em nascendo.
(Da trad. pop.)

BATEU-ME o Sol na vidraça,
baixinho, sem eu ouvir;
bateu-me o Sol na vidraça,
estava eu a dormir.

Entrou-me o Sol pelo quarto,
estava eu a sonhar;
entrou-me o Sol pelo quarto
e foi-me à cama acordar.

E eu abri os meus olhitos
e vi-o no quarto; e então
esfreguei os meus olhitos
na concha da minha mão.

E disse-me o Sol: «Desperta,
vamos pelos campos fora;
nos campos a esta hora
as aves estão àlerta.

A primeira claridade
que espalhei p'la terra inteira,
todos os galos da herdade
cantaram na capoeira.

Desabrocharam as flôres;
e as abelhas pequeninas
andam zumbindo entre as flôres,
nas orvalhadas boninas.

Começa a faina do dia...
Passam rebanhos no atalho...
E na terra, que alegria
a festejar o trabalho!

Ouve a algazarra dos ninhos
alêm, no pomar florido;
e tu ainda metido
dentro dos lençois de linho!

Ergue-te depressa e vem
correr, brincar nos trigais.
Quero-te esperto tambem
e alegre, como os pardais.

As manhãs de Primavera
fazem a gente sàdia;
e a alma se retempera
de vigor e de alegria».

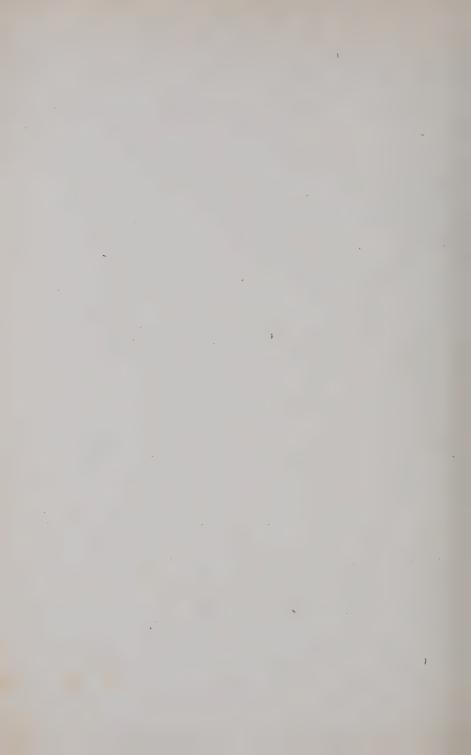
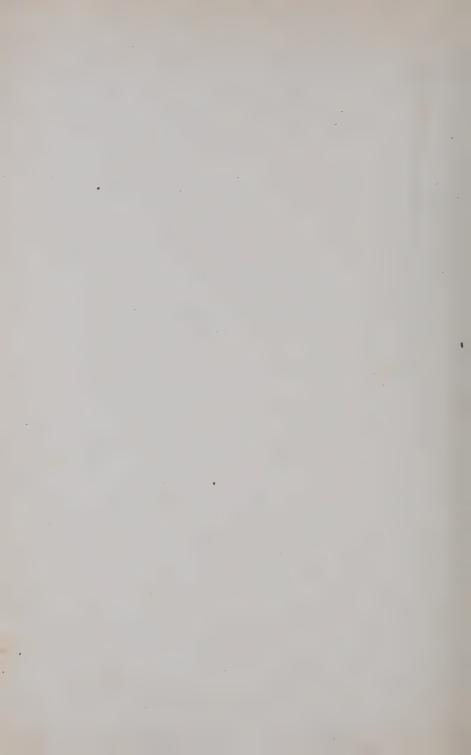
Ouvindo falar assim,
vesti-me então apressado;
já um pardal no telhado
fazia troça de mim.

E saí... Que claridade!
Que céu azul, transparente!...
O Sol falara verdade,
porque o bom Sol nunca mente.

Disse-me o pardal então,
Quando me viu a brincar:
«Foi preciso, mandrião,
que eu te mandasse chamar!...»

A UMA JOVEM MÃE,
AMAMENTANDO UMA CRIANCINHA

A uma jovem Mãe, amamentando uma criancinha

Teus peitos são duas rôlas,
duas rôlas a rolar;
dão leite a uma rolinha...
— Quem já viu rôlas mamar?

Côro dos Anjos ao Ritmo dos Bêrços

Côro dos Anjos ao Ritmo dos Bêrços

«Ó meu menino,
— Ruh... Ruh...—
cantam os Anjos;
dormirás tu!»

Cantam os Anjos...
— Que lindo canto! —
Luar tão claro,
que brilha tanto!...
Os Anjos cantam...
— Que maravilha! —
Florece a terra,
e a lua brilha!...

Decem e cantam
junto de ti
lindas cantigas
que eu aprendi...
  Cantam em roda...
— Que lindo côro! —
Nos seus cabelos
há estrêlas d'ouro...

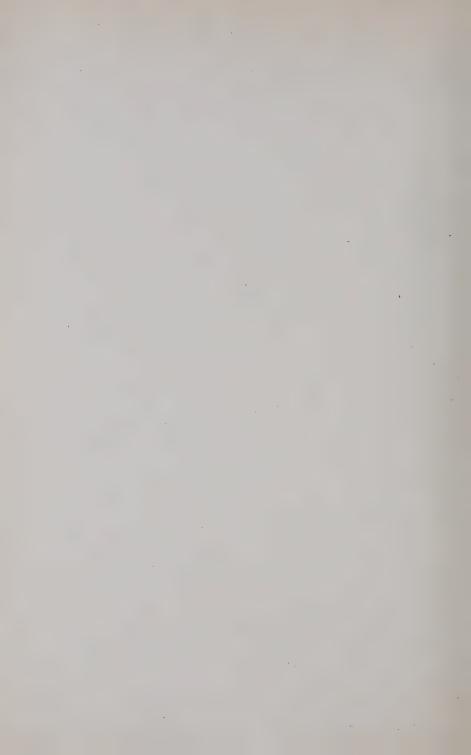
Também nas asas
brilham estrêlas...
Aves não têm
asas daquelas...
  A brisa as leva,
e as arrebata...
Não são de penas,
mas sim de prata!...

De asas abertas,
sempre cantando,
vôam subindo,
decem voando,
  ficam pairando,
suspensas no ar...
E a sombra delas
parece luar!...

*
* *

Ó meu menino,
dorme... Ruh... Ruh...
Os Anjos cantam...
Que sonhas tu?

Abre teus lábios
brando sorriso...
Que vês sonhando?
Que Paraíso?
   Que sonho d'oiro
tua alma inflora?
Que Hino de Hossana?
Que luz? Que aurora?

Do céu os Anjos
abrem-te o véu...
Talvez dormindo
vejas o céu!
  Dormes sorrindo...
Que sonhas tu?
Ai, meu menino,
dorme... Ruh... Ruh...

O Menino e a Ribeirinha

O Menino e a Ribeirinha

Ó ribeirinha mansa e luzidia,
anda mais devagar.
Tornas-te de oiro, ao sol, durante o dia,
e és de prata ao luar.

Como num espelho, vê-se o céu a arder
nas chamas das estrêlas.
Deixa-me ir lá ao fundo p'ra as colher,
para brincar com elas.

Ó ribeirinha mansa e luzidia,
anda mais devagar.
Caíu-me à água um ramo que eu trazia;
não o posso apanhar.

Mas ai! Repara que a andorinha agora
ainda é mais ligeira.
Atrás do ramo, foi p'la margem fora
e ganhou-lhe a dianteira.

Ó luzidia, mansa ribeirinha,
anda mais devagar;
não se canse a andorinha, coitadinha,
que se pode afogar.

A linda Voz do Vale

A linda Voz do Vale

Linda menina do vale,
de vida honesta e tranqüila,
e garganta de cristal,
cante, que eu gosto de ouvi-la.

A tua voz timbrada, quando canta,
eu julgo, ouvindo-a, alheados meus sentidos,
que tenho um rouxinol nos meus ouvidos,
ou tu um rouxinol nessa garganta.

Ao ouvi-la, a minh'alma se alevanta;
e os ecos dêste vale, enternecidos,
recolhem-se em silêncio, comovidos
com essa dôce voz que tudo encanta!

Gorgolejante e límpida, a nascente
que entre seixos murmura, e pelo vale
vai sôbre areias d'oiro a deslisar,

só ela poderia, essa corrente,
se em tua língua cantasse, assim cantar,
com essa voz de prata e de cristal!

Apólogo duma Espiga de Trigo

Apólogo duma Espiga de Trigo

....
Que santificado seja
o teu nome eternamente.
Tua luz, se a terra beija,
faz germinar a semente.

Foste o Espírito Santo,
puríssima luz sidéria,
que baixaste e fecundaste
o escuro ventre à matéria.

Dentro do ventre da Terra,
onde a semente caíu,
a vida tornou-se eterna,
criou raiz e floriu!...

Porque é que me pisaste?

Aqui vivia,

erecta para o Sol, que me aquecia,
dançando ao vento que me embalava:
filha humilde da terra e sua escrava,
ela mé dava a seiva, dia a dia.

Não perfumava o ar o meu perfume;
não matizava o prado a minha côr...
Nunca senti por isso a inveja ou ciúme
de nenhuma flôr.

Haste curvada pelo trigo loiro,
nas ondas da seara a baloiçar,
nunca poisou em mim a abelha d'oiro,
porque eu não tinha mel para lhe dar.

Que mal é que eu te fiz, ó caminheiro?
Porque é que me pisaste?
Tu foste certamente um estrangeiro,
que aqui entraste.

O rude camponês, que me conhece,
desvia os passos quando passa aqui.
Tão cuidadoso vai — até parece
que apenas para êle é que eu nasci.

E o mesmo rude camponês trigueiro,
talvez o próprio que me semeara,
diz sempre ao filho:
« Vai pelo carreiro;
não calques a seara! »

Porque é que me pisaste, ó caminheiro?

— Pobre velho! Como êle trabalhava!
E quanto êle suou!
Ao vento e à chuva, sôbre a terra brava,
e nunca descançou!

Usou da enxada, e arado, e da charrua;
e em Dezembro, uma vez — que bom que êle era! —
lançou-me à terra, que não era sua,
e eu depois germinei co'a Primavera!

Quanto tempo no seio de um torrão,
à espera sempre que surgisse a aurora!
Nêle pulsou, floriu meu coração;
e a êle minha raiz se prende agora!

Tu não podes de-certo imaginar,
na tua fantasia,
que esfôrço heróico eu tive de empregar
para romper a terra, e vêr o dia!

Uma energia me entusiasma e exulta
para lutar também,
com essa persistência e fôrça oculta,
que só as plantas têm.

A haste branda e frágil, que balança
mal a brisa de leve lhe roçou,
teve a tenacidade, que não cansa,
e é a fôrça dos humildes, como eu sou.

Ao pobre lavrador, que se consome
a cultivar em terra alheia o pão,
ao mesmo tempo que lhe mato a fome
dou-lhe, com meu exemplo, esta lição.

. . . .
. . . .

Pelo dorso da terra, ao sol nascente,
uma neblina ténue se espraiava,
como névoa de fumo, transparente...

Era a terra a suar, que transpirava,
e do estrume curtido o bafo quente,
que aos raios da manhã se evaporava!

. . . .

E nas suas entranhas, noite e dia,
minha raiz sorvia
a seiva, o sangue, que me alimentava...
leite da terra, com que a terra amiga
no seu seio materno me criava
e, como boa mãe, me amamentou;
que da raiz ao caule, e que do caule à espiga,
pelas minhas artérias circulava,
e que floriu, e emfim frutificou!

E a seiva fez-se carne em cada grão.
E uma vida infinita jaz, latente,
dentro em meu coração.
Volte eu à terra, onde nascera, agora:
— transformada ver-me hás numa semente,
por sua própria essência — criadora!

E assim
se eternizou a vida dentro em mim,
em mim glorifiquei a eternidade.
O mesmo húmus que me fecundara,
fecundará em mim a nova seara,
que há-de matar a fome à humanidade!

E cada um dos grãos que tu pisaste,
dos grãos de trigo sazonado e loiro,
crie raízes e êrga ao céu uma haste
coroada ao alto duma espiga d'oiro!

Sonetos bucólicos

I—Hippala

Eu chamo-me Acerval, pastor de gado.
No monte, ao sol, eu guardo o meu rebanho;
mas logo que anoitece desço e venho
com meu rebanho para o meu cerrado.

Não pesa sôbre mim nenhum cuidado.
Junto na arca o mel e o meu redanho,
p'ra dar um dia tudo quanto tenho
àquela que me quiz por namorado.

Chama-se Hippala. E nunca o sol de Deus
alumiou beleza como aquela
nem uns olhos mais pretos do que os seus.

Soubesse eu escrever... p'ra lhe escrever!
lindas falas que eu digo longe dela,
mas que ao pé dela não lhe sei dizer!

II — Renúncia

Se fôsse com ovelhas e bezerros
que a gente desquitasse a desventura,
eu tinha, Daliana, bem segura
a remissão dobrada dos meus erros.

Tudo quanto se avista dêstes serros
e o que se avista de maior altura,
que importa seja meu, se a sorte dura
me traz o coração metido em ferros!

Eu dava as minhas terras e o meu gado
— o que a gente não tem não arreceia,
e o trabalho avigora um corpo môço. —

Tudo eu despresára de bom grado,
para amanhar contigo a terra alheia,
e guardar gado que não fôsse o nosso!

III—A Fidalguinha

A fidalguinha nunca sobe à serra.
Quando aqui vem não passa da floresta.
Ela foge do sol que a nós nos cresta
e teme a chuva que fecunda a terra.

Tristezas e ambições, que o mundo encerra,
fôram vergando a fidalguinha honesta;
e o nosso coração é sempre em festa,
das cidades o mal não lhe faz guerra.

E eu já ouvi dizer á Fidalguinha
que amava o campo; mas não sabe amá-lo
quem não vive esta vida ingénua e rude;

quem não charrua a terra ou poda a vinha,
nem tem um braço amigo a acompanhá-lo
neste trabalho que nos dá saúde!

II

Aurora d'oiro

Aurora d'oiro

Rasgou-se o véu do céu. E a nova Aurora
saiu, nimbada d'oiro e diamantina,
por entre a clara névoa matutina,
da Tôrre de Cristal onde ela mora.

Além — por tráz de um tôpo de colina,
águia de luz por êsse espaço fóra,
ergue-se o sol; e sóbe... e cresce... E agora
já tôda a terra, e céu, e o mar domina!...

Mar de safira e oiro!... Oh! mar imenso!...
Pudesse eu diluir-me, andar suspenso
daquela nuvem, entre o céu e o mar!...

Vogar, pairar, envolto em claridade...
Perder-me pelo azul da Imensidade ..
Levar-me o vento... e nunca mais voltar!...

Á Névoa matutina

Á Névoa matutina

Névoa
leve,
foge
breve...
Foge,
passa,
névoa
baça...

Sôbre
montes,
vales,
fontes,
rios,
pontes,
pairas
hoje...
Névoa
léve
— foge,
foge!

Astros
fremem,
altos,
no ar;
mastros
tremem
no alto
mar...

Tudo
vélas!
Deixa
vê-las!
Brancas
vélas
— onde
vão?

Brancas
vélas,
sôltas
asas,
brando
voando
sôbre
casas...
Tôpos
d'árvores,
claros
choupos,

tudo
cerras,
vélas,
sumes:
grimpas,
cumes
de altas
serras!

Ria
fria...
Plúmbeo
dia...
Névoa
fluida,
paira
flácida...
Entram
vélas,
saem
vélas...

— Voltam
elas? —
Remos
lentos
batem
lentos
na água
plácida...

O Galeão

O Galeão

Por manhã doirada, sôbre um mar que é verde,
as vélas inchadas, que lindas que vão!
A vista nas ondas pelo mar se perde,
e á mercê das ondas boia o Galeão.

Aos balanços lentos, prazenteiramente,
com uma águia d'oiro sôlta no esporão,
vai tão imponente, que até pasma a gente,
num pasmo solene de admiração!...

Deixa ao largo a terra que já vê ao largo,
montes de uma estranha configuração;
e na terra fica todo o fel amargo
que o tédio nos verte sôbre o coração.
Vai de vento em pôpa, Galeão doirado,
Todo a arder em oiro — que sintilação! —
No dôrso das ondas de leve embalado,
entre o céu e a água, pela imensidão...

Bandos de gaivotas cruzam sôbre os mastros.
Nas vélas e enxárcias canta a viração.
E os mastros ao alto vão rasgando os astros,
irradiando aurora por toda a amplidão.
Bolinas ao vento e a prôa ao levante...
— As ondas e o vento onde os levarão?
A que areias d'oiro de país distante?
Que mistérios novos não desvendarão?

Para a bruma vaga de uma lenda d'oiro
ides, em demanda dêsse Rei cristão,
antevendo em sonhos calmo ancoradoiro
nas Índias remotas do Prestes João?

Fresca sopra a briza das costas do Norte...
— Que sonhos de glória, que louca ambição,
nos leva ao Acaso, á Aventura, á Morte...
E o Destino ao léme, guiando o timão?!...

Para além do Mar...

Para além do Mar...

Sôbre a areia torrada, à beira mar,
passam por mim as horas descuidosas.
Nas límpidas manhãs esplendorosas
o sol enche de luz o meu olhar.

(Castelos, que passei a arquitectar
em distantes paragens misteriosas,
por manhãs d'oiro e noites silenciosas
sempre cheios de sol e de luar...)

... Vélas soltas, lá vão as caravélas;
e os meus sonhos ao largo vão com elas,
p'las ondas mansas dum Oceano verde...

Demandam meus castelos rutilantes,
em regiões ignotas e distantes,
lá... para onde o meu olhar se perde...

Sol do meu País, radiante...

Sol do meu País, radiante...

Sol do meu País, radiante,
como outro não vi assim:
ao romper d'alva — um brilhante,
ao pôr da tarde — um rubim!

Miragens da minha Terra

I—Poesia do Crepúsculo

Eu ia pelo campo. Sôbre a estrada
pairava a sombra dos pinhais vizinhos.
Pelos montes distantes e maninhos
ouviam-se os chocalhos da boiada.

E eu ia andando... A alma torturada,
enternecia-a o cântico dos ninhos;
enternecia-a vêr dêsses caminhos
morrer o sol na êrma cumiada.

Vinham da ceifa, em rancho, as raparigas.
Sobem no ar puro as rústicas cantigas
e um perfume de mato, que enebria.

Envolve a terra a dôce paz da tarde;
e entre um pinhal o Sol flameja e arde,
àlém... na derradeira serrania.

II — Ao cair da Tarde

Afunda o Sol no Poente. Violetas
feitas de luz, imponderalizadas,
tombam do céu nas êrmas cumiadas
e esfolham-se no rio de águas quietas...

Andorinhas velozes como setas
cruzam, riscando o espaço; e das arcadas
da velha ponte surgem, esfumadas,
como sombras de lendas, as moletas.

O mar e o céu, p'ra as bandas do Poente,
é violeta e lilaz; e do Oriente
alastra a sombra, sombreando o rio...

Vai-se apertando aos poucos o horizonte,
emquanto a Noite vem descendo o monte,
p'la branda encosta de um pinhal sombrio.

III — À Bôca da Noite

O dôrso das montanhas azuladas
vai-se fundindo aos poucos, lentamente,
na sombra que as envolve; e na vertente
já não reflectem águas prateadas.

Esfumaram-se os campos e as estradas.
A cordilheira que se erguia em frente,
olhando-a agora, nem distingue a gente
se são montes, ou nuvens concentradas.

Vão-se abafando as horas rumorosas
na penumbra das sombras silenciosas,
que desce e alastra ao decair da tarde.

Rompeu a Lua. A terra emudeceu.
Os astros acenderam-se no céu;
Sírius acorda ao alto... e treme... e arde!

Súplica das Estrêlas

Súplica das Estrêlas

«Deixa-nos ir, ó Sol, nêsse teu carro d'oiro,
ir contigo, viajar.
Há no fundo do mar escondido um tesoiro
de pérolas sem par.

«Nós vêmo-las daqui, as pedras preciosas
que o vasto mar contém.
Quando a gente ilumina as noites silenciosas,
brilham elas também».

E o bom do Sol amigo assim lhes respondeu:
— « Não pode ser agora;
tendes de alumiar a terra, o mar e o céu,
até que nasça a aurora.

« As perolas que à noite a água agita, e explendem
— Refreai vossas máguas! —
são a imagem do céu, dos astros que se acendem,
refulgindo nas águas ».

Nisto afundou no mar. E à noite, na amplidão,
uma estrêla dizia:
« Como é tão alto o céu, que desta imensidão
nem eu me conhecia! »

III

Os Poentes choram Sangue...

8

Os Poentes choram Sangue...

Espalha na terra o Outono
sua lumiosa tristeza...
Chora de dôr e abandono
a alma da natureza.

Nasceu contigo o último crisânto,
floriu contigo, Outono;
e contigo morreu o último crisânto,
ao vêr-se num jardim ao abandono.

Choram os poentes lágrimas de sangue
no mar... nos rios... nos pinhais sombrios...
E no trémulo mar, e nos iriados rios
vão-se diluindo as lágrimas de sangue.

Choram a morte do último crisânto,
que nasceu e morreu ao abandono,
choram a morte do último crisânto,
última flôr do Outono.

As primeiras Fôlhas caem

As primeiras Fôlhas caem

Na múrmura corrente,
fôlha morta, qual pena de àvezinha,
que o Outono desprendeu da haste que a sustinha,
boia... serenamente...

— Tal a árvore do Sonho e da Quimera,
que o Outono desfolha:
a copa, que esmaltara a Primavera,
tombou, fôlha por fôlha...

Como uma pena, a fôlha sêca vai boiando
onde o destino incerto a leva da corrente,
sôbre os seixos e a areia a sombra projectando,
no fundo a deslisar da água transparente...

— Tal no fundo da alma — o silencioso lago —
onde a Quimera, fôlha a fôlha, se esfolhou,
se reflecte também, leve como um afago,
a sombra do que foi, e o que passou...

Na Corrente

Na Corrente

Como fôlha caída, vai na cheia levada
a pena d'asa inerte, pelos fluidos caminhos...
levou-a o vento agreste da árvore descopada,
onde na Primavera gorgeavam os ninhos.

Lá vai, como uma fôlha... curva barquinha alada...
Leve, como que vôa... Nem a água lhe adere!
Lá vai, ao abandono... Nessa ignota jornada,
que ancoradoiro a espera? Que pégo a irá sorver?

O reflexo do céu, torvo de plúmbea mágua,
quebra-se na água crespa, que o Outono já toldou.
E entre juncos e fragas lá vai, à tona d'água,
virgem talvez do vôo, p'ra que Deus a criou...

E a natureza em roda fica-se indiferente
à pequena tragédia duma pena que cai
de um ninho sem gorgeios, no frio da corrente,
e a água leva... e lá vai...

Ás Andorinhas que partem

Ás Andorinhas que partem

I

Já la vão, pelo céu fóra,
aos bandos, na fria aragem...
Quando voltareis agora,
andorinhas?
Bôa viagem!

Deixaram torres e casas,
e lá vão, p'ra além do mar,
riscando as nuvens e o ar,
c'o a ponta das suas asas.

La vão p'ra os longinquos têrmos
de outros céus, e sois doirados...
E os beirais ficam mais êrmos
com os ninhos abandonados!

Fica viuva a paisagem;
vazio o céu dos seus vôos;
seus gritos, o éco levou-os
para remota paragem.

P'ra os abrasados palmares
nas plagas da Africa ardente,
com minarêtes, bazares,
e outros usos, e outra gente...

Que instinto, que intuição vaga
assim vos guia e conduz?
— Deus lhes dê céu com mais luz!...
Deus as leve, e Deus as traga!

II

Foi-se a alegria que eu tinha,
eu e os meus, na Primavera,
no meu lar, onde fizera
o seu ninho uma andorinha!

Meu galrejar da manhã,
enlevo do meu retiro!
Prazer que a todos prefiro
da cidade fátua e vã.

Sob o alpendre, no balcão,
para onde o meu quarto abria,
sentava-me a ler, e via
— ela a fazer criação.

Espreitava-a de mansinho;
e ela, já com filhos novos,
guardava os filhos e os ovos,
com o bico fóra do ninho.

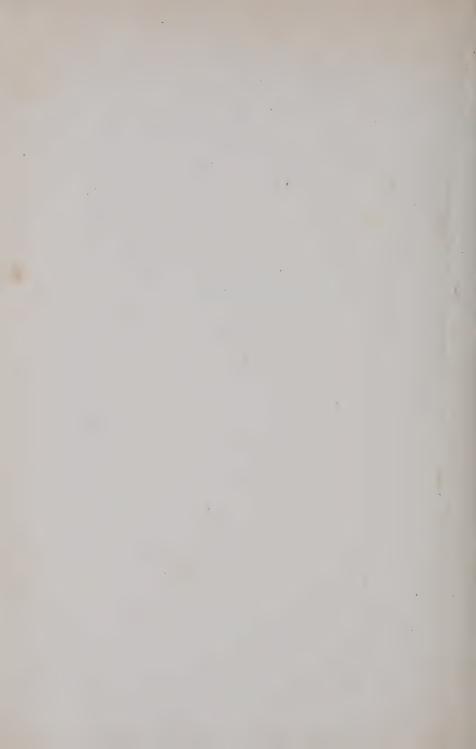
— Tardes no balcão, suaves,
entre perfumes e côres...
O balcão perdeu as flôres,
e o ninho perdeu as aves!

E no ninho ao abandono
tombam das telhas limosas
gôtas de prata, chorosas
lágrimas frias do Outôno.

IV

A Inundação

A Inundação

I

Galopa o vento pelo pinheiral.
E um rumor oceânico distante,
como o éco de um uivo de gigante,
abala a terra, desde o monte ao vale.

Bale de mêdo o gado no curral.
Praguejando coriscos, o Levante
rasga-se em luz, como uma boca hiante,
e a chuva engrossa e aumenta o vendaval.

E emquanto eu, á lareira aconchegado,
aqueço os ossos no calor das brasas,
no confôrto de um quarto agasalhado,

quantos tristes sem lar não errarão
pelos campos, á chuva; e quantas casas
onde o lume não arde e não há pão!

II

Foi uma noite brava de tormenta!
Inundaram-se de água os descampados.
Rêzes mortas e troncos arrancados
boiam na cheia indómita e barrenta!

Nos seus pègões a ponte não se agüenta.
Tombam telheiros, já desconjuntados...
Das cordilheiras sôbre os povoados
a água rola, e a inundação aumenta!

Dos cumes das montanhas aos céus torvos
esqueléticas arvor's desgrenhadas
erguem os braços nus, em fôgo acêsas...

Caem dos tôpos, a grasnar, os corvos,
olhos em riste, as asas retesadas,
sôfregos e medrosos, sôbre as prêsas!...

III

E a cheia sobe e cresce há já três dias,
em avalanches d'água, que não param.
Tudo fugiu... As aves debandaram
açoitadas p'la chuva e as ventanias.

Sôbre um velho redil de estacarias,
que as águas, remoïnhando, já minaram,
uma mãe, que na fuga abandonaram,
sofre da morte as lentas agonias.

Crispado pelo frio, ao vento agreste,
aperta ao peito, louca de pavor,
um corpinho transido de criança.

Ouve-se um grito horrífico de dôr...
É a Morte que chega!... A onda investe,
e o inexoravel turbilhão avança!...

São Simão

São Simão

S. Simão, no seu dia, 28 de Outubro, anda a varejar os castanheiros, desencadeando os grandes temporais. O povo da beira-mar costuma dizer: « Cautela, marinheiros, que vos não tome S. Simão »!

(*Da trad. popular*).

P'los rudes desfiladeiros
uiva e venta o vendaval!
O massiço dos pinheiros
projecta a sombra no vale,
ondeando ao temporal...

Fujam, que aí vem S. Simão,
montado num furacão;
por campos, serras e outeiros,
vardascando os castanheiros!...

Descei, pastores, da serra!
Ponde em abrigo os rebanhos!
Rangem os eixos da terra,
e nas florestas os lenhos.

Os velhos robles robustos
já vergam, e as carvalheiras...
Galgam pelas cumieiras
os ventos, semeando sustos!

Ecôa no vale o bronco
ruído de uma arrancada...
desenraïzou-se o tronco,
foi de baque na chapada!

Tomai cautela, maltêses!
Guardai-vos, pastor's! Senão,
se vos tópa S. Simão...
adeus, apriscos e rêzes!

Vós, marinheiros, que andais
lutando com o mar e a morte,
lembrai-vos da triste sorte,
se morreis, dos que deixais!

Tomai tento no timão!
Que nunca a mão se desvie!
Que se aí vem S. Simão...
Nossa Senhora vos guie
a porto de salvação!

Arreceai-vos do p'rigo!
Fazei-vos antes ao mar,
se não podeis aproar
à terra, a doca de abrigo!

Para longe dos penhascos!
Que se as ondas sobre os tôpos
vos levam contra os cachopos,
nem fica táboa dos cascos!

Fujam, que aí vem S. Simão
com a vardasca na mão!
E assobiam ventaneiras
p'los gumes das cordilheiras!...

Varreu-se o pó dos caminhos...
Os corvos fogem, de mêdo...
Finca-se à terra o rochedo...
Vôam as telhas, e os ninhos...

Corcel de devastação,
a resfolgar p'las narinas!...
Galga barrancos, ravinas,
montado por S. Simão...

Fujam! Que aí vem S. Simão,
p'los asp'ros despenhadeiros,
vardascando os castanheiros!...

Com as Naus, para a Índia...

Com as Naus, para a Índia...

(XÁCARA)

Vão as naus p'ra a Índia; — quando voltarão?!
Com as naus p'ra a Índia — foi meu coração!...

O mar é tão vasto! -- Ai, não tornarão!
Tamanho receio — turba-me a razão.
Minha mãe um dia — disse-me ao serão:
«Amor marinheiro, — não o queiras, não!»
E meu pai, já velho, — dizia-me então:
«Tenho uma só filha — e um filho varão:
será sempre humilde — como bom cristão.
E tu, minha filha, — foge à tentação!

Lavrador de terra — que ame o seu torrão,
é melhor marido — do que os outros são!»
Mas eu vi-te um dia — Que louca afeição! —
Deixei minha casa, — meus Pais, meu irmão...
Êles minha culpa, — não a esquecerão;
mas o teu afecto — vale o seu perdão.
— Ai, as naus da Índia, — quando voltarão?!...
Com as naus, p'ra a Índia, — foi meu coração!...

Olho o mar ao largo — com sofreguidão,
e nem uma vela — pela imensidão...
E eu abandonada — nesta solidão!
— Ai! as naus da Índia, — quando voltarão?!
Com as naus, p'ra a Índia, — foi meu coração!...

Ai, noites d'inverno, — que longas que são!
Teus lábios tão cêdo — não me beijarão,
tão cêdo teus braços — não me abraçarão...
— Ai, as naus da Índia, — quando voltarão!...
Com as naus, p'ra Índia, — foi meu coração!...

Deixaste-me um filho — como distracção.
Dorme nos meus braços — que não cançarão.
Conto p'los seus dias — a minha aflição,
e as horas que passo — a esperar-te em vão...
— Filho do meu sangue, — dá-me o teu perdão,
que eu dou-te o meu leite — e o meu pranto não.
Bebe-o dos meus peitos — que não secarão;
filho do meu sangue, — dá-me o teu perdão!

— Ai! as naus da Índia, — quando voltarão!...
P'ra que é, marinheiros, — tão louca ambição?
Se esta areia é d'oiro, — porque ides então
buscar longe o oiro, — se o tendes à mão!

O homem do leme, — dá volta ao timão,
que em tua galera — vai meu coração!
Aproveita o vento, — se fôr de feição,
e regressa à pátria — com meu coração!

Ó Mãe dos Aflitos, — por minha aflição,
que as ondas não traguem — o meu coração!

Ai, as naus da Índia, — quando voltarão?!

Ai! as naus da Índia, — quando voltarão!!...

A Noite profunda e calma

A Noite profunda e calma

A noite profunda e calma,
solene como um convento,
concentra em nós a nossa alma
e dilata o pensamento.

O Papão

O Papão

I

— Foge, ó Papão; vai-te embora,
de cima dêste telhado;
deixa dormir o menino
um soninho descançado. —

O Papão da Desventura
ronda-me a casa, de noite,
buscando na treva escura
uma alma onde se acoite.

Anda de noite o Papão
perdido pelo caminho...
Procura o meu coração
p'ra construir o seu ninho.

Nutre-se com a alegria,
que a nós nos sorri por entre
a luz que nasceu um dia
das trevas do nosso ventre.

Ó fruto dos meus amores,
dei-te a vida p'ra a viveres,
tu, que nasceste das dores
que eu tive p'ra tu nasceres.

Filho do meu coração,
dorme em teu berço inocente,
que eu velo, p'ra que o Papão
não se aproxime da gente.

Foge, ó Papão; vai-te embora
de cima do meu telhado.
Meu menino dorme agora
um soninho descançado.

II

Na terra há muita maldade;
na vida muita traição!
Pobres das mães!... Qual não ha-de
Ter receios do Papão?!

Que sorte Deus te reserva?
Que boas ou más façanhas?...
Filho, de quem sou a serva,
e trouxe em minhas entranhas!

Asas Deus me desse a mim!
De pênas quisera eu tê-las!
Melhor te gardava assim,
deitado debaixo delas!...

Largas como os meus desejos
sejam-te as horas, bemditas...
P'ra não te acordar com beijos,
beijo o berço onde dormitas.

Abano o berço; e que importa
que eu passe as noites àlerta?
Se o Papão vier à porta,
não encontra a porta aberta.

A pequena lamparina,
que na cómoda acendi,
minha alegria ilumina
se me curvo sôbre ti.

Ó luz d'azeite bemdita,
fulge no meu coração;
dissipa a treva, palpita,
afasta o mêdo e o Papão!

Pelos vidros da vidraça
eu olho a noite lá fóra...
O Papão ronda e esvoaça,
a espreitar quem aqui mora!

E em teu bercinho, a sorrir,
vou-te embalando a cantar...
— Ó Papão, deixa-o dormir;
ai, não mo queiras roubar!

Foge daqui, vai-te embora,
p'ra longe do meu telhado;
não importunes agora
seu sôno, tão descançado!

Pensamentos

Pensamentos

I

O maldizente me atraiçoou,
mais aquêle que o escutou.

II

Se te disser alguém que falam mal de ti,
responde: eu não ouvi.
Mas procura na tua consciência,
e por teu coração,
calar a maledicência,
e não lhe dar razão.

III

NÃo ofende quem quere. E mais se apura
a consciência que a calúnia engeite.
— É a maledicência como o azeite,
que não póde sujar a água pura.

IV

Sê sempre em teus propósitos persistente,
fiel à tua palavra, e firme em tuas acções;
e prende o teu ideal a uma corrente,
que não a quebrem homens nem nações.

V

NÃo há fôrça de atleta ou de gigante,
que consiga esmagar, com pés de bronze
ou altas cordilheiras,
a fé inabalável e convicta,
que tem, como as raízes seculares,
garras d'aço na nossa consciência.

VI

Se a Liberdade é para ti um culto,
e não vazia idea,
tens de a glorificar com o sacrifício
de respeitar a liberdade alheia.

VII

...Mas em nome da mesma Liberdade
tu não podes também
dar-te o direito, que não tem ninguém,
de sofismar a Verdade.

VIII

Diz o ditado
de um moralista mal avizado:
— *Faze bem e não olhes a quem.*
Eu, porém,
pelo que vejo e sei,
corrigi e direi:
Quando fizeres bem,
repara sempre a quem!

IX

Fazer um bem e praticar o Bem
não é igual.
— Podes proceder mal, fazendo bem a alguem,
e, praticando o Bem, fazer-lhe mal.

X

Se queres ser juiz em causa alheia,
e queres bem julgar,
desce da tua teia,
vai p'ra o banco do réu, e põe-te em seu lugar.

XI

Sim, eu bem sei; o homem tem a soberana
razão;
é o mais perfeito ser da criação;
sonda, inventa, resolve — É admirável! —
Mas, Santo Deus, a estupidez humana
é incomensurável!

Por trás das Vidraças

Por trás das Vidraças

Que clangor de cornetas e trombetas atrôa
o espaço com vibrantes, seus estridentes hinos?
— É a fanfarra dos Cabotinos,
que a fama aos quatro ventos apregôa.

Com bombos e metais a terra treme e o ar!

É fechar-nos em casa, e deixá-los passar.

No Seio da Eternidade

No Seio da Eternidade

Memento homo quia pulvis es
et in pulverem reverteris.

Tudo veio do nada, e ao nada há-de volver.
Tudo nasceu do pó, e em pó se há-de tornar.
Se um momento se tem de luta ou de prazer,
tudo o Vento e a Morte, um dia, há-de levar!...

P'ra quê tanta ambição, se rir ou padecer,
a opulência, a miséria, o vício a fermentar,
tudo o que a vida dá, a terra há-de comer;
e a terra, e os ígneos sóis, são pó que anda no ar!

A treva donde eu vim é o mistério imenso,
que eu olho com assombro e frio, quando penso
que a ela hei-de volver, a essa noite sem fim...

Funda, insondável treva encheu a Imensidade,
e a vida, um ponto a arder, divide a Eternidade,
aquela que há-de vir, daquela donde eu vim!

Auto dos Pastores brutos

Auto dos Pastores brutos

(EXCERTO)

Sob um palheiro, nos subúrbios de Bethlem, os pastores dormem. O Anjo aparece-lhes, envolto num clarão, numa pequena cumieira.

O ANJO

Homens do agrado de Deus!
lá da celeste morada,
eu vos trago esta embaixada
que Deus manda aos filhos seus.
Humildes, do seu agrado,
por vós eu desci aqui,
pastores que guardais gado
como já guardou David!

Destinou Deus que primeiro
fôssem dar os seus louvores
a Jesus, Deus verdadeiro,
entre os simples, os pastores.

E por isso a vós, que agora
dormis um sono profundo,
venho anunciar a hora
em que Deus desceu ao mundo.

Pastor de estirpe divina,
como vós, pastor's de gados,
guia os homens tresmalhados
e o caminho lhes ensina.

(*Os Pastores começam a acordar*)

ALMENO (*estremunhado*)

Quem é que falou aqui?
Sonhava, ou foi voz qu'oivi?
Albino... Frondoso... Alceu...
Falastes, ou sonhei eu?

ALBINO (*espreguiçando-se*)

Nanja eu, que stava a sonhar
qu'oivia um anjo falar.

ALMENO

Eh, Frondoso!

FRONDOSO

Qu'é lá?

ALCEU

Anda o sol fóra?

Quem falava aqui agora?

ALBINO

Pracia um anjo no ceu.

FRONDOSO

Essa é bôa!

ALCEU

Inda os galos num cantaram,

FRONDOSO

nem as strelas se apagaram.

O ANJO (*aparecendo de novo, envolto na mesma auréola de luz*)

Foi outro sol que nasceu
numa lapinha, em Belém.
A Virgem Maria é mãe;
gerou por graça do céu.

Sou o eleito mensageiro
dêste mistério divino.
Jesus dorme, pequenino,
nas palhas, como um cordeiro.

Não tendes que arrecear-vos;
sou o enviado do Senhor,
que aqui me mandou chamar-vos,
p'ra verdes o Redentor.

Espertai, pastor's! Segui...
Erguei-vos, que se faz tarde.
A Estrela do Pastor arde...
O caminho é por ali...

Deixai o sono profundo
e ide saudar o Senhor.
O Presepe é um resplendor
que ilumina todo o mundo!

(*Apaga-se o clarão e o Anjo desaparece*)

ALMENO

Mas que luz!... Que maravilha
qu'inté cega!... Como brilha!
Viste, Alceu,
aquel' luzeiro no céu?...

ALBINO

Vi...!

ALMENO

Tu, Albino?
E tu, Frondoso?...
E o mensageiro divino
que pracia o sol glorioso?!

FRONDOSO

Vòcês sonham acrodados
ou stão mas é streloicados...

ALCEU

Vamos dromir socegados,
que a manhẽ num tarda a vir.

ALMENO (*indignado*)

Mas quem s'astreve a dromir?!
Pois antão vòcês num viram?

ALBINO

Isso é qu'eu vi!

ALMENO

E num oiviram?

ALBINO

E oivi!

(*Entusiasmando-se*):

Eh, rapazes! Té pracia
qu'era o cômaro qu'ardia!
E o tal anjo, ou lá qu'êle é,
ali im riba, de pé,
as coisas qu'êle dezia!

ALMENO

Diente daquel' dezer
té a gente ficava mudo!

ALBINO

E a luz ó redol a arder,
qu'eu dezia cá pra mim:
se tu vens por 'í assim,
pranta-se o fôgo a isto tudo!

FRONDOSO

Q'al fôgo nem meio fôgo!

ALBINO

Pois hemos de lá ir logo,
mal qu'amanheça!

FRONDOSO

E vou eu!

ALBINO

Vamos lá todos...

TODOS

Valeu!!

ALCEU

E a vêr quem predeu lo tino...

ALBINO (*erguendo-se*)

Qu'eu num torne a ser Albino,
que me caia um mau-olhado,
que maleitas dê no gado,
s'isto foi figuração;
s'eu m'ingano — e não! e não! —
qu'isto era aviso do céu,
e qu'o Menino naceu!

(O Anjo torna a aparecer envolto no mesmo clarão. Os pastores levantam-se, admirados e receosos).

O ANJO

Homens de fé duvidosa,
a quem a Verdade aterra,
nesta noite se descerra
outra luz mais gloriosa!

Homens que assim receais
a luz da Graça divina,
que essa cegueira ilumina
nos vossos olhos mortais...

Ide vêr com vossos olhos,
e a Deus erguei vossa prece,
que não se enganam os olhos
se a Verdade os esclarece!

Ide, e vereis em Belém,
das gentes simples cercado,
ao lado da Virgem-Mãe,
o Deus-Menino deitado.

Palácios nem companhia
quis dos de fama orgulhosa:
nasceu numa estrebaria
de gente pobre e humildosa.

Por mais discreta e calada,
quis a noite recolhida;
cá fóra — noite gelada,
lá dentro — noite aquecida.

Junto de uma mangedoura,
ao lado dos animais,
o Menino dorme agora...
Sorriem de enlevo os Pais.

Pastores, simples também,
dai-vos á santa vigília
de o ir saudar a Belém,
mais à Sagrada Família.

(*Desaparece*)

ALBINO

Antão?
Inganei-me ó não?

ALMENO

Loivado seja o Pai dos ceus!

ALBINO

E mai-lo Filho de Deus!

ALCEU

E mai-la Virge Maria!

FRONDOSO

E mai-lo leite que o cria!

ALMENO

Loivada seja a hora
im qu'ela o botou cá fóra!

ALBINO

Mai-lo albregue que o albregou!

ALCEU

E mai-lo Anjo que o anunciou!

FRONDOSO

Loivado seja o Pai, loivado seja o Filho, loivada seja a Mãe!

TODOS

Plos séculos dos séculos; àmen!

NO PRESEPIO

Os Pastores, com cantos e tangeres, veem descendo a encosta, e estacam defronte da Lapinha.

ALCEU (*agarrando Almeno e mostrando-lhe a Sagrada Familia*):

Vês, Almeno?

ALMENO (*o mesmo a Albino*)

Vês, Albino?

FRONDOSO (*adiantando-se e apontando*:)

Ulh', ulha! La 'stá o Menino!

ALBINO

Loivado seja!
Que tudo le corra como deseja!

ALMENO

O Senhor seja loivado,
plo que vejo e o que num vejo;
que pra tal stava gòrdado
o meu desejo!

ALCEU

Loivado seja o Senhor!
Loive-o a terra em derredor!

FRONDOSO

Plo meu rebanho e cajado,
O Senhor seja loivado!...

ALMENO

Mai-lo Pae e mai-la Mãe,
mai-lo piqueno tamém!...

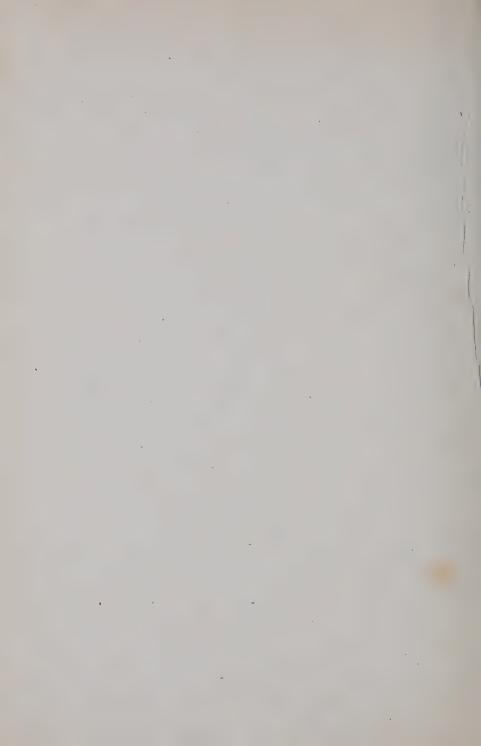
ALBINO

E pla noite mai-lo dia,
pla candeia qu'alumia,
e pla mulinha a comer,
e pla vaquinha a lember,
e plo feixinho de fêno
adonde drome o piqueno;
plas estrêlas a luzir,
e plo sol qu'está pra vir,
e plos galos a cantar,
e plo que Deus nos quis dar,

na terra e lá nas alturas,
os Anjos e as criaturas,
tudo cante em seu loivor:
— Loivado seja o Senhor!

TODOS (*erguendo os braços*):

Loivado seja o Senhor!

. . . .

Nota dos editores

NOTA DOS EDITORES

O Autor, acedendo ás nossas instâncias, concedeu-nos o direito de publicarmos a presente edição dêste livro, onde se reúnem diversas poesias suas antigas, coligindo-as na sua quási totalidade de vários jornais e outras publicações avulsas, por onde andavam dispersas.

Entendemos por isso juntar aqui uma pequena resenha bibliográfica, para indicação dos elementos de que nos servimos na presente compilação.

CÂNTICO DO SOL. — Publicado pela primeira vez em excerto numa *plaquette* em benefício da «Obra da Figueira» (Asilo da Infância e dos Velhos). — Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1912; e depois na íntegra, no n.º 39 da *Águia*. — Pôrto, Março de 1915.

O AMANHECER DO PRIMEIRO DIA NO PARAÍSO BÍBLICO. — Publicado na *Águia*, n.ºs 85 a 87, de Janeiro a Março de 1919.

MANHÃ DE ABRIL e O MELRO CANTADOR. — Publicadas conjuntamente, sob a designação genérica «Para as Crianças», na revista *Figueira*, da Figueira da Foz, série III, n.ºs 1 e 2, de Janeiro a Fevereiro de 1912.

ALVORADA. — Publicada no n.º 49 da *Águia* — Pôrto Janeiro de 1916.

CÔRO DOS ANJOS AO RITMO DOS BERÇOS. — Publicada em excerto, com o título «Cantiga do Berço», na revista *Figueira*, série IV, n.º 12, de Dezembro de 1912.

O MENINO E A RIBEIRINHA. — Publicada, com a designação «Para as crianças», na revista *Figueira*, série II, n.ºs 10 e 11. Outubro e Novembro de 1911.

A LINDA VOZ DO VALE. — Publicado no *Figueirense* de 22 de junho de 1924, já durante a impressão dêste livro.

APÓLOGO DUMA ESPIGA DE TRIGO. — Publicada na *Seara Nova*, n.º 1. — Lisboa, 15 de Outubro de 1921.

HIPALA. — Publicada numa *plaquette* «Festival para o Jardim-Escola João de Deus em Coimbra». — Figueira da Foz, Typ. Popular de Manuel J. Cruz, 1910.

RENÚNCIA e FIDALGUINHA. — Publicadas, com mais o soneto anterior, sob a designação genérica «Sonetos Bucólicos», na *Águia*, n.ºs 61 a 63, de Janeiro a Março de 1917.

AURORA D'OIRO. — Publicada na revista *Atlantida*, ano 2.º, n.º 23. — Lisboa, 15 de Setembro de 1917.

O GALEÃO. — Publicado na *Ilustração Portuguesa,* II série, n.º 502, de 4 de Outubro de 1915.

PARA ALÉM DO MAR — POESIA DO CREPÚSCULO — AO CAÍR DA TARDE — À BOCA DA NOITE. — Publicados, com mais três sonetos, numa *plaquette* «Aguarelas», para uma festa de benefício. — Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1906.

PARA ALÉM DO MAR. — Publicada pela segunda vez na *Ideia Livre,* IV série, n.º 4. Porto; Maio de 1915.

POESIA DO CREPÚSCULO. — Publicada pela segunda vez com o título «Entardecer» na *Ideia Livre,* IV série, n.º 3, de Janeiro de 1915.

AO CAÍR DA TARDE e À BÔCA DA NOITE. — Publicadas tambem novamente na *Ideia Livre,* IV série, n.º 2, de Junho de 1914.

SÚPLICA DAS ESTRÊLAS. — Publicada na revista *Dionysos,* de Coimbra, n.º 3, Abril de 1912, e depois, com a poesia «Aurora d'oiro», na revista *Atlantida,* n.º 23, 1917.

OS POENTES CHORAM SANGUE — AS PRIMEIRAS FOLHAS CAEM — NA CORRENTE. — Publicadas conjuntamente no *Figueirense,* de 23 de Maio de 1920 e depois no *Diário de Lisboa.*

ÁS ANDORINHAS QUE PARTEM. — Publicadas no jornal

O Primeiro de Janeiro, de 18 de Junho de 1924, já durante a impressão dêste livro.

A INUNDAÇÃO. — Publicada numa *plaquette* em benefício dos Náufragos. — Figueira da Foz, Imprensa Lusitana, 1904. Mais tarde foram os dois primeiros sonetos desta poesia transcritos no jornal *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, n.º 1.069, de 28 de Fevereiro de 1913.

COM AS NAUS, PARA A ÍNDIA. — Publicada na revista *Figueira*, série III, n.º 6. Junho, 1912.

O PAPÃO. — Publicado em *O Primeiro de Janeiro*, de 6 de Março de 1924, tambem durante a impressão do presente volume.

PENSAMENTOS. — Foi publicáda uma compilação na *Figueira*, série V, n.º 3; de Março de 1915 e outra no *Diário de Lisboa*, em 7 de Abril de 1924.

NO SEIO DA ETERNIDADE. — É uma variante do soneto «Alma Imortal» do livro «Primeiros Versos». Coimbra, França Amado, 1902.

AUTO DOS PASTORES BRUTOS. — Excerto publicado na *Seara Nova*, n.º 6, de 14 de Janeiro de 1922. É o extracto de um dos Autos do Natal, decalcados sôbre velhos moldes e inspirados na tradição, de que brevemente virá uma interessante compilação a público.

Índice

Í N D I C E

I

II

III

IV

CORRIGENDA

Pág. 53 — verso 6.º: *suspensos* e não *suspensas*
Pág. 101 — verso 7.º: *vos leva* e não *nos leva*

Finis

DO AUTOR

A entrar no Prelo:

AUTOS DO PRESÉPIO
NA VOLTA DO MAR
ROSA DO SOL